

# MULHER EM (DIS)CURSO

Palmira Heine Alvarez  
André Luiz Gaspari Madureira  
Illa Ptres de Azevedo  
(Organizadores)



**Atena**  
Editora

Ano 2020

# MULHER EM (DIS)CURSO

Palmira Heine Alvarez  
André Luiz Gaspari Madureira  
Illa Ptres de Azevedo  
(Organizadores)



**Atena**  
Editora

Ano 2020

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Palmira Heine Alvarez  
André Luiz Gaspari Madureira  
Illa Pires de Azevedo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

M956 Mulher em (Dis)curso / Organizadores Palmira Heine Alvarez, André Luiz Gaspari Madureira, Illa Pires de Azevedo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-475-7

DOI 10.22533/at.ed.757201310

1. Mulher. 2. Discurso. 3. Linguagem. I. Alvarez, Palmira Heine (Organizadora). II. Madureira, André Luiz Gaspari (Organizador). III. Azevedo, Illa Pires de (Organizadora) Título.

CDD 305.4

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## APRESENTAÇÃO

O livro ora apresentado é resultado de uma série de reflexões sobre o tema *mulher e discurso*, através de diversos aspectos que recobrem essa temática, tais como: os modos de discursivização da violência contra mulheres, mulher e literatura, as representações do feminino em contos de fadas tradicionais, a mulher e as relações homoafetivas discursivizadas em redes sociais, mulher e música, mulher e beleza, além da fragmentação do feminino na contemporaneidade.

Tais temáticas e seus desdobramentos, pensados à luz da Análise de Discurso, oferecem aos leitores a possibilidade de levantar o véu da opacidade que se apresenta através da linguagem, voltando o olhar em direção aos sentidos sobre mulher no discurso, na sua dimensão histórica e ideológica, trazendo à baila questionamentos, reflexões, deslocamentos e desdobramentos diversos.

A obra contribui para se pensar a identidade e a representação feminina como um elemento de discurso, construído na e pela linguagem, seja na sua dimensão verbal ou não verbal, afetada pela historicidade e pela memória social. Como elemento de discurso, a ideia de ser mulher é afetada por deslocamentos que problematizam a noção do feminino na discursividade nas diversas formas de materialização da ideologia que, naturalizando sentidos, faz com que os sujeitos de discurso não se deem conta de que estão sendo constituídos pelos enunciados que significam na sua dimensão histórica.

Os capítulos desta obra, portanto, possuem um ponto que os une, qual seja: a ideia de que a feminilidade, construída em diferentes materialidades analisadas pelos presentes estudos faz retomar representações sócio-históricas que constituem o dizer. Essas representações são abordadas nos textos que constituem esse livro, costurados a partir das ideias do filósofo francês Michel Pêcheux, cujas reflexões deram origem à teoria de Análise de discurso, também denominada de Análise materialista de discurso ou ainda Análise de discurso de viés pecheutiano.

O primeiro capítulo, intitulado **TRABALHO E DIGNIDADE FEMININA - APONTAMENTOS A PARTIR DO MULHERIO (1981-1988)**, apresenta uma análise acerca do jornal Mulherio. Nela, podemos perceber como esse veículo de comunicação, em meio à década de 80 do século XX, rompe com o silêncio local acerca de certos dizeres sobre a mulher e promove a circulação de efeitos de sentido até então interditados.

Já no segundo capítulo – **DISCURSO ENTRE MULHERES: de Clarice Lispector a Tereza Quadros** –, é feito um estudo sobre o efeito de autoria na constituição de dizeres de duas mulheres, ou melhor, de uma mulher: Tereza Quadros, pseudônimo da escritora Clarice Lispector. Em meio a esse fenômeno que, em primeira instância, podemos chamar de *desdobramento de efeito de autoria*, discute-se como se dá a projeção interdiscursiva a partir da qual é promovida a existência de Tereza Quadros.

Em **EFEITOS DE SENTIDOS EM UMA PEÇA PUBLICITÁRIA DA PREFEITURA**

**DA CIDADE DE SALVADOR EM PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES**, a ideia principal do artigo se volta a um aspecto social brasileiro que remonta aos tempos da colonização: a violência contra a mulher. Nesse estudo veremos como alguns discursos que promovem o assédio sexual feminino passam a funcionar, em peças publicitárias, a partir de uma reinscrição interdiscursiva cujo efeito se torna de estímulo ao combate a essas ações de violência feminina.

No capítulo **A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA EM RELAÇÕES HOMOAFETIVAS ENTRE MULHERES NO INSTAGRAM**, o ambiente virtual é explorado em uma análise sobre relações homoafetivas entre mulheres. Nesse formato contemporâneo de discursivização dessas relações, cabe interrogar como efeitos de sentido sobre casamento e família passam a se constituir em meio a esse contexto e quais são suas implicações sócio-discursivas.

A abordagem do feminino na internet também tem lugar no capítulo **A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: SUA FRAGMENTAÇÃO, HIERARQUIZAÇÃO E DEMONIZAÇÃO**. Nele, podemos perceber, do ponto de vista discursivo, como a mídia promove o controle de corpos, em meio ao que podemos chamar de *tecnologia de gênero*.

Os aspectos discursivos que envolvem o feminino e os contos de fada tradicionais são abordados no artigo **DESLOCAMENTOS NAS MODALIDADES DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MULHER**. Trata-se de um estudo que permeia o âmbito das histórias de princesa, mas desta vez mediante releituras cinematográficas que denunciam mudanças no comportamento feminino. O que está em questão aqui é o movimento de desconstrução que possibilita o questionamento acerca do lugar da mulher na sociedade.

No artigo intitulado **A BELEZA FEMININA: O DISCURSO SOBRE A BELEZA NA FANPAGE DE COSMÉTICOS DA MARCA NÍVEA** busca-se discutir os modos de discursivização da beleza feminina em propagandas de cosméticos da marca Nívea, destacando que a beleza é uma construção simbólica e cultural e, portanto, um elemento de discurso que faz circular sentidos inscritos na história. A AD pecheutiana também é a base para as reflexões e análises propostas neste artigo, que concebe a beleza como elemento construído ideologicamente.

Por fim, o artigo intitulado **AS PIRIGUETES E A DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER EM MÚSICAS DO PAGODE BAIANO** objetiva discutir sobre as formas de discursivização da mulher em letras de música de pagode baiano, gênero musical muito popular na Bahia, que constrói identidades e representações femininas com base na estereotipização da sexualidade e do corpo da mulher.

Assim, os modos de construção dos artigos ora apresentados neste livro, indicam uma costura coesa que nos remete, a partir das linhas da Análise materialista de discurso, a um tecido diverso na sua unidade, possibilitando reflexões e debates sobre o feminino no discurso, a mulher em (dis)curso, no curso da história, da sociedade e da linguagem; a mulher que é dita e diz, que é construída no jornal, nas propagandas, na literatura, nos

contos, nas redes sociais, enfim na dimensão sócio-histórica da linguagem, que, como um sistema que materializa discursos, gera e faz circular sentidos na teia da história.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
TRABALHO E DIGNIDADE FEMININA - APONTAMENTOS A PARTIR DO MULHERIO (1981-1988)	
Palmira Heine Alvarez Andréia Abdon Peixoto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
DISCURSO ENTRE MULHERES DE CLARICE LISPECTOR A TEREZA QUADROS	
Josiane Pereira da Conceição André Luiz Gaspari Madureira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>30</b>
EFEITOS DE SENTIDOS EM UMA PEÇA PUBLICITÁRIA DA PREFEITURA DA CIDADE DE SALVADOR EM PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES	
Gilberto Nazareno Telles Sobral Nadia de Jesus Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA EM RELAÇÕES HOMOAFETIVAS ENTRE MULHERES NO INSTAGRAM	
Anderson de Almeida Santos Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>55</b>
A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: SUA FRAGMENTAÇÃO, HIERARQUIZAÇÃO E DEMONIZAÇÃO	
Ireneide Santos Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>69</b>
DESLOCAMENTOS NAS MODALIDADES DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MULHER	
Reginete de Jesus Lopes Meira Sátiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013106</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>84</b>
BELEZA FEMININA: O DISCURSO SOBRE A BELEZA NA FANPAGE DE COSMÉTICOS DA MARCA NÍVEA	
Laura Camila dos Santos Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013107</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>96</b>
AS PIRIGUETES E A DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER EM MÚSICAS DO PAGODE BAIANO	
Mislene Carvalho da Paixão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7572013108</b>	
<b>SOBRE OS AUTORES</b> .....	<b>108</b>

## DISCURSO ENTRE MULHERES DE CLARICE LISPECTOR A TEREZA QUADROS

**Josiane Pereira da Conceição**

**André Luiz Gaspari Madureira**

*“Escolher a própria máscara é o primeiro gesto voluntário humano. E solitário”.*

Clarice Lispector.

### INTRODUÇÃO

Os Anos Dourados não trouxeram apenas esperança com o fim de duas Guerras Mundiais. Deram, também, indicações de que os tempos não seriam mais os mesmos, de que grandes mudanças estariam por vir, preconizadas pelos ecos de uma sociedade ainda marcada por um momento de intenso rebuliço social.

Nesses ecos ressoaram palavras de ordem, de direito, de descontentamento com o *status quo*, com a situação vigente. Dentre as reivindicações, destaca-se a luta da mulher pelo reconhecimento de seu espaço nos setores em que sua presença era interdita, nos contextos em que não havia equidade. Coube a uma tradição patriarcal determinar o lugar do masculino, cujo destaque obliterava a situação do feminino, relegando-o a segundo plano.

Uma das vozes que ecoou e na qual se materializaram discursos cujos efeitos promoviam uma nova forma de pensar o lugar da mulher na sociedade foi a da conhecida escritora Clarice Lispector. As narrativas clariceanas – caracterizadas tanto pelo tom intimista, quanto por marcas de processos de transformação – põem em cena a situação da mulher e as contradições que denunciam as diferenças dos papéis sociais, os quais irrompem por um efeito sub-reptício de naturalização, como um “já-lá” (na expressão pêcheuxtiana). Nesse ínterim tais papéis passam a ser repensados, uma vez que a estrutura social não representa propriamente o real, mas dele realiza uma representação.

Eis que, dentre essas condições, surge uma escritora menos conhecida, ocupada com a produção de editoriais para o periódico *Comício*, cuja circulação também se deu na década de 50 do século XX. Trata-se de Tereza Quadros, pseudônimo da própria Clarice Lispector. Certas circunstâncias fizeram-na criar essa outra versão (de si mesma?) para publicar num gênero textual distinto, destinado a um público específico e que, por isso, guardava uma função diferente.

Diante desse contexto, pensar sobre os anseios de ambas as autoras, ainda mesmo sendo uma só, significa penetrar em um

terreno instável de subjetividade, iniciar uma busca utópica de tangenciar o intangível. Nesse ponto, a seleção de um aporte teórico que dê conta de analisar o sujeito em um plano não subjetivo da subjetividade concretiza a alternativa pensada para a compreensão desses gestos de autoria. Isso justifica, portanto, seguir na trilha da Análise do Discurso de linha francesa (AD), proposta pelo filósofo Michel Pêcheux.

Para dar forma a esse plano de abordagem, chega-se à seleção do *corpus* mediante a leitura de textos assinados por Tereza Quadros na coluna *Entre Mulheres*. O texto definido: “Um concêrto”. Nele, uma espécie de anacronismo que lança luz no feminino produz um efeito de singularidade, o que põe em questão a existência de uma autoria desgarrada dos aspectos subjetivos que, à primeira vista, lhe seriam inerentes.

Nesta proposta de leitura discursiva em que se dá um desdobramento da forma-sujeito, também cabe interrogar de que modo o texto de Tereza Quadros passa a existir; como as formas-sujeito se constituem no espaço interdiscursivo e se relacionam com as formações discursivas (FDs) que regem o plano do dizer; como, no dizer, a paráfrase é dissimulada pela impressão de transparência da linguagem e, concomitantemente, se promove o deslizamento polissêmico, a ponto de serem instaurados diferentes efeitos de sentido: um que imprime efeito de autoria a Tereza Quadros e outro a Clarice Lispector.

Longe de enxergá-las numa relação dicotômica e, ao mesmo tempo, complementar – como uma espécie de yin e yang –, interessa investigar o desdobramento da forma-sujeito e de que maneira a projeção interdiscursiva de Clarice Lispector promove a existência de Tereza Quadros (ou vice-versa) não enquanto indivíduo, mas como instância discursiva da qual emerge um efeito de autoria.

## 1 | AS NARRATIVAS CLARICEANAS

Aos 23 anos, Clarice Lispector surge no cenário literário brasileiro e causa o maior rebuliço. Por conta do seu estilo de escrita inovador que seguia na contramão do que se via naquela época, alguns críticos a tomaram com fascínio, outros, com estranheza. Mas para que possamos melhor compreender por que isso aconteceu, é necessário um breve mergulho no contexto sócio-histórico daqueles 1940.

Começemos lembrando que o período do pós-guerra, que tem início em 1945, com o fim da segunda Guerra Mundial, foi uma época de muito otimismo e de mudanças significativas no cenário nacional e internacional. O surgimento da industrialização, o avanço tecnológico e o crescimento urbano foram algumas das transformações que ocorreram naquele momento e que se consolidaram no Brasil, principalmente a partir da década de 1950 - período que, historicamente, é conhecido pela expressão Anos Dourados.

Tais mudanças aqueceram alguns setores da economia e, conseqüentemente, aumentaram as chances de inserção de homens e mulheres tanto no campo educacional, quanto profissional. Com essa ascensão e com a mudança do *status* socioeconômico,

vimos o nascer de uma nova mulher, que sai da esfera doméstica e do papel de esposa dedicada e de “rainha do lar” e passa a ocupar espaços de trabalho em indústrias, escritórios, fábricas de tecidos, entre outros setores, embora não fosse plenamente valorizada no âmbito profissional.

Apesar desse discreto avanço e do fim da Segunda Guerra, em 1945, as mulheres embora gozassem de certa liberdade, ainda sofriam preconceitos, visto que o modelo de sociedade vigente no Brasil naquela época era, de modo geral, machista e patriarcal, colocando-as constantemente como frágeis, inferiores e dependentes da figura masculina – que podia ser o pai, o irmão ou o marido.

Sobre esse modelo de família patriarcal brasileira da década de 50, Pinsky (2018) descreve:

Na família modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura [...] [grifo do autor] (PINSKY, 2018, p. 608-609).

No mesmo sentido, Azambuja (2006, p. 84) considera:

O papel da mulher na sociedade brasileira alterou-se significativamente no decorrer do século passado. Influenciada pelos movimentos feministas europeus e pelo novo ambiente econômico, mais industrializado, onde as demandas levaram-na a sair de casa e assumir novos papéis, a mulher conquistou novos espaços sociais. Contudo, esse novo papel engendrou significativas reações das esferas mais conservadoras da sociedade de então, estimulando a ideia de que a estrutura familiar iria ser abalada caso a mulher negasse em desempenhar exclusivamente seu papel de esposa e mãe.

Como se vê, no modelo de sociedade vigente naquela época, o argumento utilizado para difundir e estabilizar o discurso de que as tarefas domésticas eram incompatíveis com as atividades profissionais, consistia em afirmar que se afastando do lar, a mulher estaria comprometendo a estrutura familiar como um todo.

Diante dessas considerações, não é difícil perceber que historicamente a mulher foi subjugada e relegada a segundo plano, cabendo-lhe não raramente um papel menor. Foi nesse momento de grandes mudanças e acontecimentos no Brasil e no mundo, como a Segunda Guerra e o Estado Novo - implantado pelo regime autoritário de Getúlio Vargas, que Clarice Lispector deu vida ao seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, publicado em 1943.

Nesse período, Clarice e outros intelectuais da época estavam envolvidos de alguma forma com o novo regime:

Clarice Lispector, então no início da sua carreira como escritora, pertenceu a essa geração que incluiu nomes dos notáveis que ocupavam cargos de elevado prestígio nas diversas esferas de poder, mas também de inúmeros colaboradores anônimos que participavam cumprindo tarefas variadas para o sucesso do regime [...] (FRANKLIN, 2010, p. 113).

Traçar o momento sócio-histórico em que se deu a publicação de *Perto do coração selvagem* é importante para contextualizar esse período “marcante para o Brasil não apenas para a história política, social ou econômica, mas principalmente para uma história intelectual” (FRANKLIN, 2010, p. 114). Esse foi também um período muito importante para gráficas e editoras que expandiam com a publicação e vendas de romances, bem como para escritores e romancistas que se consolidavam profissionalmente. Entre esses romancistas, está a jovem Clarice. Segundo Franklin (2010):

A produção literária de Clarice Lispector iniciou-se nesse momento de modernização das condições de produção do livro e do crescente interesse da sociedade pelos bens culturais em geral e pela literatura, em particular. Sua inserção nesse mercado contou principalmente com o impacto produzido por sua maneira de escrever, sua singularidade autoral [...] (FRANKLIN, 2010, p. 116-117).

Mas a publicação desse primeiro romance não é a sua estreia como escritora. Em 1940, ela já havia publicado, na Revista Pan, *Triunfo*, seu primeiro texto ficcional. Porém, é *Perto do coração selvagem* que leva Clarice ao cenário nacional. Segundo Moser (2017, p. 161), Clarice “construiu o livro rabiscando suas ideias num caderno de anotações toda vez que elas lhe ocorriam”. Nessas condições imediatas de produção do dizer, surge seu método de escrita, a partir do qual se dá um efeito discursivo de autoria.

E foi trilhando este caminho de gestos de autoria que Clarice, utilizando o verso de um talão de cheques, guardanapos, envelopes e folhas soltas, também registrou as ideias que lhe surgiram de repente e de maneira fragmentada enquanto escrevia, anos depois, sua última obra, *A hora da estrela* (1977). “Com uma letra muito trêmula, em quatro linhas, sem pontuação, Clarice escreve no verso de um talão de ‘Requisição de cheques’: ‘Juro que este/ livro é feito/ sem palavras/ É uma fotografia muda’” (VIDAL, 2017, p. 17).

Esse depoimento mostra como Clarice, enquanto sujeito físico, é interpelada ideologicamente, promovendo seu *status* de assujeitamento, a partir do qual a linguagem emerge e começa a tomar forma em uma dimensão interdiscursiva.

Do ponto de vista da AD, os sujeitos não são agentes físicos da atividade discursiva. Eles se posicionam discursivamente dentro de dadas condições, constituindo-se não enquanto “indivíduos livres”, e sim como entidades históricas, marcadas por ideologias (enquanto práticas). Conforme nos diz Pêcheux (apud ORLANDI, 2007, p. 17), “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”.

Em vista disso, podemos dizer que o assujeitamento que recai sobre o lugar de autoria de Clarice promove a materialização de um efeito de singularidade narrativa. Tal efeito se constitui mediante uma progressão linguística não linear e um dizer carregado de marcas provindas de outras esferas discursivas, a partir do qual surge *Perto do coração selvagem* - uma prosa introspectiva que incomoda e provoca, pois materializa uma personagem em busca de si e de sua identidade de mulher. As dúvidas e incertezas da personagem Joana



levam a uma reflexão sobre o papel feminino que diverge daquele comumente retratado nos idos de 1940: esposa recatada e mãe zelosa.

“Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidade de contestação” (PINSKY, 2018, p. 609).

Se para a AD não apenas o discurso em si deve ser levado em conta, mas o sujeito e o contexto sócio-histórico de constituição do dizer, bem como as condições imediatas de (re)produção de sentido, é importante observar o papel de subalternidade a que era submetida a mulher da década de 1940.

*Perto do coração selvagem* despertou o interesse da crítica e inaugurou um novo momento do modernismo no Brasil, pois além de não seguir uma linearidade narrativa, não tinha como foco a denúncia das mazelas sociais - características presentes nos escritos dos modernistas daquela geração. Seu fio condutor era a introspecção da personagem em busca da própria identidade.

Alguns críticos da época não aceitaram bem o romance de estreia da jovem escritora, dentre eles, temos Álvaro Lins, que por se manter ainda preso ao velho estilo de narrar, teceu duras críticas ao trabalho de Clarice. Para ele, *Perto do coração selvagem* era um romance “bem feminino, marcado pela presença ostensiva da autora embaraçada e perdida em seu próprio labirinto” (LINS apud LIMA, 2009, p. 19).

Essa crítica de Álvaro Lins exemplifica o impacto que a escrita de Clarice provocou em alguns críticos da época, pois a mulher ali representada nada tinha da heroína romântica presa às convenções sociais exigidas pela sociedade, característica que determinava as condições de produção daquele período - e talvez por isso ele não tenha aceitado bem o romance.

Entre outros críticos, há os que foram bastante receptivos com a estreante Clarice, entre eles, Lauro Escorel, que no artigo intitulado “Prêmio da ‘Fundação Graça Aranha’ de 1943”, vê em Clarice uma escritora excepcional “[...] O romance premiado apresenta realmente todas as características de uma obra reveladora de uma personalidade de romancista verdadeiramente excepcional [...]”<sup>1</sup>; e em Joana, a protagonista de seu romance, uma mulher transgressora, pois ele a compara, entre outras, com a heroína Hedda Gable de Ibsen “[...] Joana pertence à estirpe de Hedda Gable e de Thérèse Desqueyroux. Da personagem de Ibsen, ela tem a mesma natureza extraordinária, o mesmo horror à vida quotidiana, a mesma incapacidade de se adaptar ao casamento [...]”<sup>2</sup>.

Assim, o que vemos é que enquanto alguns críticos da época ainda não estavam preparados para uma escrita não linear, uma linguagem não usual e uma prosa introspectiva, outros já se deixavam levar pelo universo literário clariceano no qual a figura feminina

1 ESCOREL, Lauro. **Prêmio da Fundação Graça Aranha de 1943**. In: A Manhã, 29 out. 1944. Edição 990, p. 3. Texto disponível na íntegra em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/24708>.

2 Id.,Ibidem.

ocupava posição de destaque, cabendo-lhe, quase sempre, o papel de protagonista introspectiva em busca de si mesma e longe dos enquadramentos sociais tão presentes nas condições de produção dos Anos Dourados.

Como asseveram Azevedo e Oliveira (2017), por muito tempo em torno da figura da mulher houve uma inferiorização e um silenciamento:

[...] construiu-se historicamente um silenciamento das mulheres. Sem acesso à escrita, elas foram, por muito tempo, meros objetos da representação empreendida pelos escritores do chamado cânone literário ocidental, composto, em geral, por homens heterossexuais, brancos, cristãos e membros da elite. Com isso, a imagem feminina propagada nas obras clássicas não refletia a(s) real(ais) identidade(s) feminina(s), mas sim as visões concebidas nos estereótipos amplamente disseminados pelo olhar masculino (AZEVEDO; OLIVEIRA, 2017, p. 02).

Esses aspectos sócio-históricos são um indício das condições de interpelação ideológica que influenciaram a literatura clariceana, marcada pela ruptura do estereótipo feminino. Assim, fazendo uso de uma narrativa intimista e original é que se dá a construção das personagens - mulheres que passam por diversas transformações, que vivem conflitos pessoais e que rompem com a ideologia patriarcal. Há que se dizer também que elas subvertem o papel que era destinado às mulheres: donas de casa recatadas, esposas submissas e mães zelosas.

Sobre essa questão, Resende (apud PIACENTINI, 2017 p. 58-59) considera:

Clarice foi filha, mãe, dona de casa, esposa (até se separar do marido diplomata) e, ao mesmo tempo, se dedicou à sua profissão e escreveu também por necessidade financeira. Acho que isso tudo contribui para que ela tenha visto a mulher como protagonista na sociedade, como alguém cujos sentimentos são intensos e dignos de uma atenção cuidadosa. A mulher, na obra de Clarice, não é alguém menor ou sem voz, mas sim alguém que toma decisões, trabalha, faz contas, reflete, age, questiona, sente [...].

A separação do marido, como acontece com a personagem Joana, de *Perto do coração selvagem*, é um bom exemplo do efeito de ruptura com o modelo familiar patriarcal. “A ambição de Joana é tornar-se mais ampla do que os enquadramentos que a limitam; ela recusa a fôrma dada pelo social e empreende uma viagem final rumo a um destino desconhecido [...]” (ROSENBAUM, 2002, p.36).

Essa afirmativa nos faz perceber que já nesse romance de estreia, ainda que em meio à opacidade da linguagem, há um efeito de desejo de liberdade e de marca de uma posição de mulher na sociedade. Talvez isso aconteça não apenas com a protagonista Joana, mas também com a própria Clarice – não como sujeito empírico, mas na condição de sujeito inscrito no discurso que ocupa agora, a posição de escritora mulher.

Na perspectiva da AD, a posição não está relacionada ao sujeito físico, mas ao sujeito do discurso. “Em toda língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva). O que significa no discurso são essas posições” (ORLANDI, 2007, p. 40). Ainda pensando nessa distinção entre sujeito empírico e sujeito discursivo é que trazemos as ideias de Grigoletto (2005, p. 1):

O sujeito da AD não é o indivíduo, sujeito empírico, mas o sujeito do discurso, que carrega consigo marcas do social, do ideológico, do histórico e tem a ilusão de ser a fonte do sentido. A teoria do discurso trabalha a ilusão do sujeito como origem, através dos processos discursivos, mostrando que linguagem e sentido não são transparentes.

E é assim, pelo viés da não transparência da linguagem e por sua posição-sujeito de colunista feminina, que Clarice dá voz a Tereza Quadros, pseudônimo utilizado por ela para dirigir-se, agora, especificamente, ao público feminino.

Mas porque ao invés de mostrar-se, Clarice preferia esconder-se por trás da máscara<sup>3</sup> de Tereza Quadros? Isso é o que veremos na próxima seção.

## 2 | TEREZA QUADROS E O *COMÍCIO*

Tudo teve início em 1952, quando Rubem Braga, um dos idealizadores de *Comício* - tabloide antigetulista e de vida curta, convidou Clarice Lispector para escrever uma página feminina. Clarice aceita o convite do amigo Braga, mas com a condição de não expor o seu verdadeiro nome, pois nesta ocasião ela era casada com o diplomata Maury Gurgel Valente. Além disso, já era escritora consagrada e conhecida pelo grande público. “Clarice temia, por aqueles anos, comprometer seu nome mediante a produção de textos menos elaborados para jornais e afetar a imagem de esposa de diplomata” (NUNES, 2006, p. 7). Em relação a esse mascaramento Gotlib<sup>4</sup> (1995) considera que a própria peculiaridade da página talvez também exigisse o uso de um pseudônimo:

Por que o pseudônimo? Talvez por causa do próprio caráter da matéria. Não era mais a escritora que escrevia os textos, mas “alguém” que, imbuído do espírito jornalístico, se encarregava de tarefas diversificadas - selecionar textos, traduzir alguns, escrever outros, recortar modelos de vestidos, simular conversas com vizinhas, com amigas, com profissionais de várias especialidades, no sentido de recolher deles conselhos úteis e, finalmente, montar a página com todo esse material (GOTLIB, 1995, p. 278).

Braga então sugere a criação de um pseudônimo. E conforme observou Sandroni (2018), mesmo antes da regularização da primeira edição de *Comício* que circulou em maio de 1952, foi publicada uma edição-piloto, a qual se deu em abril do mesmo ano e quem assinava a coluna era Teresa Dutra:

A escolha da escritora para a função de colunista do *Comício* e a decisão de ter a seção no jornal foram de Rubem Braga, que também criou o nome de Tereza Quadros. É curioso observar, no entanto, que, na edição-piloto de abril, o nome era Teresa Dutra. Com a regularização da publicação, o sobrenome foi alterado. Não é possível saber o motivo da troca. No entanto, é inegável que os dois sobrenomes apontam para dois políticos em destaque na época: o general Dutra e Jânio Quadros, este que despontava como a nova força política em São Paulo. O posicionamento do veículo era crítico à política do ex-presidente (apoiado por Vargas nas eleições após o término do Estado Novo) e, por isso, supomos que o sobrenome Dutra tenha soado inconveniente (SANDRONI, 2018, p. 58).

E é nessas condições de produção que nasce Tereza Quadros, colunista feminina que assina a página *Entre Mulheres*.

<sup>3</sup> Aqui o termo máscara está sendo utilizado como sinônimo de pseudônimo.

<sup>4</sup> Nádya Battella Gotlib é uma das biógrafas de Clarice Lispector.

Das vinte e três edições de *Comício*, Tereza Quadros escreveu em 17 delas e somente na edição número 13, publicada em 08 de agosto de 1952, Rubem Braga revela<sup>5</sup> a sua verdadeira identidade para o público:

**COMÍCIO perde seu melhor redator, mas reage brilhantemente<sup>6</sup>**

Às leitoras não precisam dizer nada, mas, segundo verificamos, a maior parte dos leitores lança apenas um olhar distraído à seção feminina (“Entre Mulheres”) e só detém a mirada um pouquinho mais se vê uma pequena interessante apresentando um modelo. Pois é um erro dos senhores. “Entre Mulheres” tem sido, com frequência, uma das páginas melhores de COMÍCIO, e uma parte de sua leitura é capaz de interessar tantos os cavalheiros quanto as damas.

Se não acreditar, procure hoje o leitor, a seção de Tereza Quadros.

E receba a triste notícia: Tereza Quadros vai-se embora. Parte para o estrangeiro em começos de setembro, e a arrumação das malas não lhe dá mais tempo. E agora, que ela se despede, podemos apresentá-la com seu nome verdadeiro: é a escritora Clarice Lispector, senhora do consul Mauri Gurgel Valente.

Nossa vingança, neste momento de tristeza, é transcrever, neste número um conto do último livro de Clarice. Em “Mistério em São Cristovão”, estão muitas de suas qualidades: é uma história meio real, meio de sonho, escrita com uma especial sensibilidade, em que, sob a delicadeza da imaginação e do estilo, há uma respiração humana estranhamente viva [...] (BRAGA, 1952, p. 26).

Apesar desse anúncio de que de Tereza Quadros sairia de cena, ela continuou a escrever a página *Entre Mulheres* até a 18ª edição que circulou em 12 de setembro de 1952.

O primeiro modelo de periódico destinado ao público feminino surge na Europa no fim do século XVII, é o *Lady’s Mercury*. Mas a imprensa feminina só chegou ao Brasil no início do século XIX, após a vinda da família real. Segundo Buitoni (2009), a primeira publicação brasileira destinada ao público feminino é *O Espelho Diamantino*, editado no Rio de Janeiro em 1827. Aqui é importante ressaltar que apesar de ser um tipo de publicação destinada às mulheres, nem sempre era escrita por elas, mas sim por homens que assinavam sob pseudônimos de mulheres. Somente no início do século XX é que a mulher começa a ter certo protagonismo nesse sentido, porém de maneira ainda bastante sutil, pois as páginas voltadas para elas traziam, dentre outras, informações sobre a tendência da moda europeia e também discorriam sobre o seu papel de mãe, esposa e dona de casa. Segundo Luca (2013), isso acontece porque:

Trata-se de um tipo de produção jornalística que não é movida pela necessidade de registrar o fato novidadeiro do dia anterior, matéria-prima por excelência do jornalismo. Pelo contrário, a imprensa feminina orbita em torno de temas mais perenes, não submetidos à premência do tempo curto do acontecimento. Moda, beleza, casa, culinária ou o cuidado com os filhos comportam uma abordagem circular, ligada à natureza e às

5 Supomos que essa revelação só se deu porque Clarice Lispector estava de viagem marcada para os Estados Unidos para acompanhar o marido Maury Gurgel numa missão diplomática.

6 Texto retirado do Jornal *Comício*, ano I, edição 13, de 08 de agosto de 1952, pag. 26. Disponível na íntegra em [http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=acervorubembraga&pagfis=537\\_](http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=acervorubembraga&pagfis=537_)

estações do ano: afinal, receitas, recomendações e conselhos indicados para o inverno ou verão podem ser retomados em anos subsequentes, desde que revestidos de ar de atualidade e apresentados como a última palavra no assunto (LUCA, 2013, p. 218).

Vale lembrar que nos anos 1950 as diferenças entre os papéis do homem e da mulher eram tidos como naturais e, assim, definidos. Essa demarcação de temas voltados para o “universo feminino” promove um efeito de evidência de que as mulheres daquela época eram consideradas hierarquicamente inferiores aos homens, cabendo-lhes não raro o papel da esfera doméstica. Como considera Nunes (2008), outra curiosidade é que as páginas femininas quase sempre lembravam os almanaques de farmácia, pois dentre outras coisas, traziam dicas de beleza e bem-estar.

Outro ponto que merece destaque eram os nomes dados aos títulos das páginas ou aos periódicos tidos como exclusivamente femininos, pois todos sempre faziam referência ao universo feminino, como, por exemplo, *A Esmeralda*, *O Jasmin*, *O Jornal das Moças*, *Correio feminino*, *Só para mulheres*, entre outros. “[...] E não é à toa que esses veículos já são sexuais até no título ou trazem o nome de algum adereço de toalete. Ou ainda, nomes de flores, animais e pedras preciosas. Todos, enfim, como metáforas da figura feminina” (NUNES, 2008, p. 274).

Nessas páginas femininas, falavam-se trivialidades, como economia doméstica, receitas, dicas de moda e decoração, desejos, sonhos, vida cotidiana, conselhos sentimentais, etc., mas sempre de acordo com os padrões comportamentais da época. Não havia a preocupação de discorrer sobre conteúdos tidos como “mais importantes”, a exemplo de política ou economia. Estes eram assuntos para serem tratados nas páginas jornalísticas e as páginas femininas, apesar de seu universo multifacetado, viviam “à margem do contexto jornalístico” (NUNES, 2008, p. 275).

Em sua pesquisa, Sandroni (2018) também percebe que quando se fala em página feminina, esta é relegada a segundo plano e, conseqüentemente, vista como pouco importante, uma vez que trata majoritariamente de temas relacionados ao universo doméstico. Por conta disso, institui-se uma distinção entre jornalismo e imprensa feminina:

Em primeiro lugar, convém destacar que se fala, em geral, em imprensa feminina e não em jornalismo feminino. Essa escolha lexical reflete algo fundamental sobre a natureza das publicações dirigidas às mulheres: elas não apresentam necessariamente as características tidas como jornalísticas. Em outras palavras, para alguns autores, nem tudo que a imprensa feminina publica é, de fato, jornalismo. A atualidade e o interesse público, atributos tradicionais do jornalismo, por exemplo, são, muitas vezes, substituídos, nas publicações femininas, pela novidade e pelo interesse específico do público a que se destina. O factual raramente está presente nesse tipo de imprensa (SANDRONI, 2018, p. 63).

Como se vê, os periódicos e as páginas femininas que circulavam na década de 1950 não eram vistos como jornalismo de verdade, mas tidos como manuais que serviam para educar e/ou distrair o público feminino e, conforme já foi dito anteriormente, apresentavam certa semelhança com os almanaques de farmácia, principalmente no que concerne a

linguagem empregada. Fazendo uso de um tom persuasivo, traziam receitas para quase todos os males: fadiga, falta de apetite, fraqueza...

Seguindo essa mesma linha, as páginas femininas, por meio de um discurso didático e de aconselhamento, apresentavam propostas de solução com a finalidade de suprir as necessidades e desejos do seu público alvo: a mulher. A esse respeito, Nunes (2008) assevera:

[...] A imprensa feminina, portanto, como herança dos antigos almanaques, não altera os princípios do conformismo e do convencionalismo. Faz mais: disponibiliza soluções para os conflitos da mulher que a lê. E foi o que fez Tereza Quadros com a página feminina que criou para Comício. Manteve o paradigma veiculado pelos almanaques de farmácia e adotado pela imprensa feminina, como forma de persuadir a leitura. Mas, ao permitir que sua interlocutora acabasse se vendo na conversa mansa e no retrato do seu dia, Tereza, dissimuladamente, ultrapassou o convencional (NUNES, 2008, p. 276).

Apesar do tom conservador da época, imprimia-se o efeito de sentido de que Tereza Quadros, fazendo sutilmente uso de uma linguagem simples e persuasiva, procurava incitar suas leitoras a serem mais críticas e a questionarem o papel e a condição da mulher. E revelando domínio sobre os temas tratados, transmitiria segurança e confiança às suas leitoras. Conforme observa Nóbrega (2012, p. 53):

[...] a colunista abriu brechas no discurso circulante da época para propagar ideias que pudessem incitar o questionamento crítico em sua leitora, ainda que isso se desse de forma sutil, em uma discreta subversão dentro dos espaços do dizer [...].

Percebe-se, assim, a tensão entre a paráfrase (não se rompe propriamente com o discurso esperado de uma página feminina da época) e a polissemia (mas discretamente se abrem “brechas no discurso circulante”). Por meio das dicas de moda, beleza e comportamento, gera-se um efeito de provocação que causa uma instabilidade na relação de identidade e alteridade com o contexto sócio-histórico que caracteriza o sujeito-leitor(a) da época. Sobre essa questão Nunes (2008) considera:

[...] Tais textos, na verdade, aparentemente inofensivos para uma leitora desatenta, são apologias ao jogo de disfarces concebido por Clarice. Se a dissimulação oculta aquilo que realmente se quer dizer, aproximando-se da simulação (aquilo que aparece), as páginas femininas de Tereza Quadros adotarão este estratagema como apelo para que a leitora subverta o status quo e encontre a sua imagem de mulher (NUNES, 2008, p. 277).

O jogo de disfarces ao qual Nunes se refere está no uso da linguagem simples e da materialização do discurso didático e de aconselhamento, pois é desta forma que Tereza Quadros se aproxima de suas leitoras e as instiga, mediante os ditos “ensinamentos”, a fazerem uma reflexão para além dos que os olhos veem.

### **3 | DE CLARICE A TEREZA: ENTRE O EU E O OUTRO**

Para compreendermos como se dá o deslizamento de efeitos de sentido no processo de deslocamento da forma-sujeito de escritora, colocando em cena os lugares de fala de

Tereza Quadros e de Clarice Lispector, selecionamos, como *corpus* de análise, o texto do editorial “Um Concêrto”. Ele figura no exemplar 6, da página *Entre Mulheres* do jornal *Comício*, que circulou em 20 de junho de 1952.

Do ponto de vista metodológico, analisamos algumas sequências discursivas (SDs) extraídas do texto em questão, como forma de chegarmos às FD’s que possibilitam sua existência.

SD <sup>1</sup>	“De Nova York chega a notícia de um concerto de Wanda Landowska, essa mulher anacrônica, artista de um instrumento anacrônico.”
-----------------	---

Na SD<sup>1</sup> que representa o primeiro trecho do texto, tem-se a notícia de um concerto em Nova York cuja protagonista é uma mulher. Tomando como base os pressupostos teóricos da AD que considera que o contexto sócio-histórico-ideológico é fundamental para a atribuição de sentidos e que “(...) constitui parte do sentido do discurso e não apenas um apêndice que pode ou não ser considerado” (MUSSALIM, 2004, p. 123), é preciso primeiro considerar as condições em que esse texto foi produzido. E nada mais representativo dessas condições de produção do que uma notícia, num caderno feminino, na qual figura como protagonista uma mulher.

Se nos reportarmos às condições de produção da época de circulação dessa página feminina – década de 1950, período em que às mulheres não eram dados plenos direitos –, poderemos identificar um efeito de sentido segundo o qual o texto que estava sendo veiculado não podia ser considerado jornalismo, visto que não trazia nenhum fato relevante (“De Nova York chega a notícia de um concerto de Wanda Landowska...”). As condições de existência dessa perspectiva remetem às práticas ideológicas nas quais eram reproduzidos os valores e os costumes da época. Nesse contexto, se as páginas femininas fossem assimiladas ao jornalismo, fariam parte de outra seção, e não do caderno feminino.

Sobre esse cenário, uma leitura possível é a de que a classe dominante (nesse caso, a sociedade machista e patriarcal), para manter a sua dominação sobre a classe dominada (no caso, as mulheres), gerava mecanismos que perpetuavam a ideia segundo a qual a ocupação da mulher deveria restringir-se às obrigações domésticas. Desta forma, a notícia do concerto, enquanto materialidade linguística, tem em si materializada uma FD que, por sua vez, autoriza (deve-se e se pode dizer!) o efeito identificado por Sandroni (2018, p.63) como imprensa feminina da década de 1950, ou seja, publicações voltadas para o público feminino que não apresentam características jornalísticas e que raramente trazem o factual.

Podemos chamar de FD “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2014, p. 147). E assim, caracterizar essa posição como a FD<sup>1</sup> – conservadora: pelo movimento de paráfrase, compreende

o campo discursivo de estabilização do lugar social da mulher que, enquanto escritora de páginas femininas, (re)produz textos voltados ao entretenimento, a trivialidades, que não estimulam o pensamento crítico, pois “[...] muitos dos assuntos tratados pelas publicações dedicadas à mulher, reinterpretados conforme os padrões de comportamento vigentes, falam de trivialidades. São as receitas de bolo, cuidados com a beleza, conselhos sentimentais” (NUNES, 2008, p. 275).

Esse discurso, nas condições de produção em que os periódicos femininos foram (re) produzidos, gerava um efeito de sentido de que a imprensa feminina, através de um tom didático e de aconselhamento, não estimulava o senso crítico-reflexivo. Apresentava-se, então, o que competia à mulher fazer (ou não) em determinadas situações.

Por outro lado, na SD<sup>1</sup> chamam a atenção as materialidades “anacrônica”/“anacrônico”, cujos efeitos de sentido encerram a ideia de que algo não está em sua época. Se buscarmos em dicionários tais terminologias, veremos que os significados encontrados culminam com a perspectiva materializada no texto. Segundo o dicionário Aurélio (2010, p. 136), o termo “anacrônico” é oriundo do grego *anachronismós* e significa: “2. Que está em desacordo com a moda; 3. Aveso aos costumes hodiernos”. O dicionário Houaiss (2009, p. 123) também traz uma concepção semelhante: “2. Que está em desacordo com os usos e costumes de uma época; 3. Contrário ao que é moderno.” Assim, é possível inferir que o anacronismo marca tanto a mulher, quanto o instrumento, uma vez que ambos remetem a algo que está fora dos padrões, visto que, no contexto da época, o mais comum era a mulher tocar piano dentro da esfera do privado, ou seja, nas reuniões familiares e/ou nas recepções em que se recebiam os amigos.

É interessante perceber também a diferença na grafia do termo “Concêrto”, que dá título ao texto em análise, e “concerto”, na SD<sup>1</sup>. Junto à ideia de anacronismo, a atualização da grafia pode sinalizar a renovação de uma determinada situação. Esse jogo de palavras tende a materializar o efeito de que tanto a mulher, quanto o instrumento são anacrônicos, mas que não se situam em um período não anterior, e sim em um momento além de seu tempo, representando as práticas sociais que asseguram o direito ao protagonismo feminino. É assim que o anacronismo pode ser visto no contexto de vanguarda.

Assim como a ortografia, a forma de ver a mulher e o cravo pode ser compreendida de modo similar, ou seja, por meio do viés de renovação. Desta forma, no contexto interdiscursivo, os indícios materialistas da linguagem sugerem um atravessamento por uma FD<sup>2</sup> - transgressora, cuja propriedade é de romper com certos paradigmas. Trata-se da FD que opera por meio da polissemia, mas que só pode ser concebida em sua relação com a linguagem e com as condições de produção do dizer (o que compreende o lugar de interpelação da forma-sujeito).

No texto intitulado “Um concêrto” assinado por Tereza Quadros, noticia-se, então, a chegada em Nova York do concerto de Wanda Landowska, artista polonesa que toca cravo - instrumento musical de tecla. Na sequência, a artista e o instrumento são apresentados



como se fossem um só. Descreve-se a emoção da cravista ao encontrar tal objeto e como lhe aperfeiçoou os sons, aperfeiçoando-se ela mesma através dele; a dificuldade de acompanhar os seus primeiros passos como artista desse instrumento único; e a facilidade de imaginá-la agora, depois de anos de experiência artística e além da maturidade. Na sequência, chega-se à SD<sup>2</sup>:

SD <sup>2</sup>	“Ei-la agora, dando em Nova York o seu concerto anual. Aparece no palco tôda de vermelho escandaloso: vermelho o longo vestido, vermelho os sapatos.”
-----------------	---

Como vimos nas seções anteriores, as páginas e revistas femininas que circulavam na década de 1950 traziam, através de seus conselhos, um discurso que ajudava a reiterar as regras de comportamento ditadas pela sociedade machista e patriarcal da época. Tratava-se de quase tudo nesses periódicos: casa, casamento, felicidade conjugal, maternidade, feminilidade, moda, entre outros. As dicas e ensinamentos sobre moda e beleza, por exemplo, eram muitas, pois naquelas condições de produção, tanto as senhoras casadas quanto as moças solteiras – que tinham como destino o casamento – deveriam estar bem apresentadas para agradar aos homens: marido, namorado ou pretendente. Sendo assim, as mulheres eram interpeladas ao consumo da moda ditada por tais materialidades.

Ao tratar da revista *Querida* e do *Jornal das Moças* - que também circularam na década de 1950, Santos (2011) afirma:

[...] a revista contava com uma seção intitulada “Moda e beleza”, onde eram veiculados artigos com dicas de beleza (na coluna “Salão de beleza”), modelos de roupas variadas, relacionadas à moda do período (outono-inverno e primavera-verão, por exemplo), além de sugestões de compras de acessórios e sapatos. O *Jornal das Moças*, por sua vez, contava com um suplemento de publicações de moldes, o *Jornal da Mulher*, que era considerado um dos carros chefes da publicação. Neste encarte, com cerca de 20 páginas, eram publicados moldes e croquis de roupas variadas, incluindo peças para a mulher adulta [...] [grifos do autor] (SANTOS, 2011, p. 84).

Os modelos de roupas sugeridos pelos periódicos femininos daquela época, tanto para as senhoras casadas, quanto para as moças solteiras que precisavam atrair um bom marido, eram discretos e bem-comportados: vestidos ajustados à cintura, saias longas e rodadas, luvas e chapéus, entre outros. “Estes eram austeros e recatados, afinados com a representação de distinção que uma dama deveria ter (SANTOS, 2011, p. 84)”. Materializa-se aí um efeito de sentido que sinaliza para a manutenção da perspectiva conservadora que caracteriza a FD<sup>1</sup>.

O mesmo se observa na descrição do “longo vestido” e dos sapatos - mostrados na SD<sup>2</sup>. No entanto, se, por um lado, essa descrição revela a característica estabilizadora do discurso (FD<sup>1</sup> – conservadora), por outro, pela cromatografia da cor vermelha (“Aparece no palco tôda de vermelho escandaloso: vermelho o longo vestido, vermelho os sapatos.”), indica a continuidade da ruptura com os modelos estabelecidos pela sociedade da época que ditava regras rígidas de comportamento, principalmente no que se referia às mulheres.

Percebe-se aí, um efeito de sentido que insinua, mais uma vez, o atravessamento

interdiscursivo concernente à mudança, à quebra de padrões (FD<sup>2</sup> – transgressora). Naquelas condições de produção, vestir-se de vermelho era algo inapropriado tanto para as moças de famílias, quanto para as senhoras casadas, visto ser esta a cor utilizada pelas mulheres conhecidas como de “vida fácil”.

No decorrer do texto, Tereza Quadros descreve a delicadeza do som que aquele instrumento pode captar, bem como a emoção que toma conta da concertista, a ponto de ela esquecer-se do público e tocar para si mesma um trecho de que mais gosta. Repete-o duas, três, quatro vezes. Volta a si, pede desculpas ao público e, de novo, deixa-se envolver.

SD <sup>3</sup>	“De novo esquecida do público, a artista, enquanto toca com a mão direita, leva a esquerda ao coração, em mímica que, quem achar ridícula, é porque não compreendeu que a velha maravilhosa tem todos os direitos, mesmo o de vestir-se de vermelho.”
-----------------	---

Podemos observar na SD<sup>3</sup> o funcionamento de um jogo de palavra mediante a materialização de expressões que direcionam a leitura ora para o contexto mais restrito (“velha maravilhosa” > senhora talentosa / “todos os direitos” > direito de Wanda Landowska); ora para o plano mais amplo (“velha maravilhosa” > período anacrônico que envolve o feminino / “todos os direitos” > direitos das mulheres).

É nesse sentido que, no fluxo do interdiscurso, a **velha** situação pode se tornar **maravilhosa**, na medida em que as **mulheres** tenham **todos os direitos** assegurados, do mesmo modo que Wanda Landowska rompe com os padrões da época. Tornando-se anacrônica, torna-se maravilhosa.

A materialidade linguística que remete ao “direito de vestir-se de vermelho” recupera, no plano interdiscursivo, a cromatografia que insere essa cor no contexto das ações revolucionárias. Logo, institui-se uma relação de coesão entre as SDs, de modo a proporcionar, a despeito da perspectiva da FD<sup>1</sup>, outro plano de leitura que recupera efeitos de sentido de resistência, o que reforça o indício de atravessamento interdiscursivo da FD<sup>2</sup>.

Isso permite que, aos leitores interpelados pela FD<sup>1</sup>, se instaure o efeito de paráfrase, autorizando-se, pelas condições de produção da época, a circulação do dizer. Já aos leitores interpelados pela FD<sup>2</sup>, materializam-se os efeitos de resistência, transgredindo, assim, a perspectiva da manutenção pelo atravessamento interdiscursivo em meio ao funcionamento da polissemia.

#### 4 | CONCLUSÃO

A partir desse gesto de leitura, foi possível perceber, na página feminina “Entre Mulheres”, que circulou na década de 1950, assinada por Tereza Quadros, pseudônimo de Clarice Lispector, a materialização de discursos aparentemente alinhados à noção do que se convencionou chamar de “imprensa feminina”.

Com a materialização desse efeito, o Editorial “Um concêrto” pôde circular como um texto alinhado às condições de produção da época, sob forma de paráfrase daquilo que se poderia e se deveria dizer em tais circunstâncias. Por isso seu funcionamento se dava enquanto imprensa feminina em detrimento do jornalismo feminino.

No entanto, a opacidade da linguagem, junto à impressão de sua transparência, permitiu o atravessamento da FD<sup>2</sup>. Desse modo, estabeleceu-se outro plano de leitura que direcionava o texto ao funcionamento da polissemia que materializava certos planos de assujeitamento a partir dos quais se dava a interpelação de Clarice Lispector em sujeito do discurso. Tratava-se de perspectivas que iam de encontro a certos preceitos da época e que tendiam a proporcionar a desestabilização do *status quo*, no entanto, sem que a FD<sup>1</sup>, marcada pelo efeito de autoria de Tereza Quadros, deixasse de funcionar.

Diante disso, a função de autoria se estabelece como parte das condições de produção e influencia na constituição de diferentes efeitos de sentido cujo funcionamento se dá em conjunto, direcionando o fluxo interdiscursivo em um processo de dissimulação do dizer: da paráfrase à polissemia.

## REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Cristina Spengler. **O papel social da mulher brasileira nas décadas de 30 a 60, retratada através das propagandas veiculadas na revista O Cruzeiro**. Revista Gestão e Desenvolvimento, Novo Hamburgo, v. 3, n. 1, jan. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/834>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

AZEVEDO, Juliana Cavalcante de; OLIVEIRA, Nayara de. **A identidade feminina em (des) construção em perto do coração selvagem, de Clarice Lispector**. In: ANAIS do Encontro Internacional de Produção Científica, 2017, Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.science/epcc/papers/a-identidade-feminina-em-%28des%29-construcao-em-perto-do-coracao-selvagem%2C-de-clarice-lispector?lang=pt-br>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

BRAGA, Rubem. **COMÍCIO perde seu melhor redator, mas reage brilhantemente**. In: COMÍCIO: SEMANÁRIO INDEPENDENTE, ano I, n. 13, p. 26, ago. 1952. Rio de Janeiro (RJ): Gráfica Editora Comício Ltda. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=AcervoRubemBraga>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2009.

COMÍCIO: SEMANÁRIO INDEPENDENTE. **Entre Mulheres**. Ano I, n. 6, p.18, jun. 1952. Rio de Janeiro (RJ): Gráfica Editora Comício Ltda. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=AcervoRubemBraga>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

ESCOREL, Lauro. **Prêmio da Fundação Graça Aranha de 1943**. In: A Manhã, 29 out. 1944. Edição 990, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/116408/24708>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5ª ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2.272 p.

FRANKLIN, Margareth Cordeiro. **Clarice Lispector e os intelectuais no Estado Novo**. RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 2, n. 1/2010. Disponível em: <<http://www.revlet.com.br/artigos/24.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

GOTLIB, Nádya Battella, **Clarice: uma vida que se conta**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

GRIGOLETTO, Evandra. **Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito**. Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Anais do II SEAD. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1.986 p.

LIMA, Bernadete Grob. **O percurso das personagens de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

LUCA, Tania Regina de. Mulher em Revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**, 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. Tradução José Geraldo Couto. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 2. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

NÓBREGA, Lívia de Pádua. **Rainhas de batom e avental: o feminino nas páginas conselheiras de Clarice Lispector colunista**. 2012. 235 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5397>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

NUNES, Aparecida Maria. **Clarice Lispector. Correio feminino**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

\_\_\_\_\_. **Uma aprendizagem ou as páginas femininas de Clarice Lispector**. Revista língua portuguesa na imprensa: 1808 – 2008. América do Norte, vol. 1, n. 25, p. 267-290, jul. 2008. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/288988819\\_Uma\\_aprendizagem\\_ou\\_as\\_paginas\\_femininas\\_de\\_Clarice\\_Lispector/fulltext/569777b108ae1c427904cdac/288988819\\_Uma\\_aprendizagem\\_ou\\_as\\_paginas\\_femininas\\_de\\_Clarice\\_Lispector.pdf?origin=publication\\_detail](https://www.researchgate.net/publication/288988819_Uma_aprendizagem_ou_as_paginas_femininas_de_Clarice_Lispector/fulltext/569777b108ae1c427904cdac/288988819_Uma_aprendizagem_ou_as_paginas_femininas_de_Clarice_Lispector.pdf?origin=publication_detail)>. Acesso em: 23 jun. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação ao óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi [et. al]. 5ª ed. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2014.

PIACENTINI, Patrícia. **Quatro décadas sem Clarice**. Ciência e Cultura. São Paulo, v. 69, n.2, p.58-59, Abr. 2017. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252017000200019&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252017000200019&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres nos Anos Dourados. In: DEL PRIORE; PINSKY, Carla Bassanezi. **História das mulheres no Brasil**, 10ª. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

ROSENBAUM, Yudith. **Clarice Lispector**. São Paulo: Publifolha, 2002. Disponível em: <[https://groups.google.com/forum/#!topic/livros-virtuais/\\_kMn56Lt3Jg](https://groups.google.com/forum/#!topic/livros-virtuais/_kMn56Lt3Jg)>. Acesso em: 15 jun. 2019.

SANDRONI, Tânia. **A Bela e a Fera: a reafirmação do estereótipo feminino e sua subversão nas colunas de Tereza Quadros, máscara de Clarice Lispector**. 2018. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-04102018-124149/pt-br.php>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

SANTOS, Liana Pereira Borba dos. **Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos 1950**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <[http://www.proped.pro.br/teses/teses\\_pdf/2009\\_1-539-ME.pdf](http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2009_1-539-ME.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2019.

VIDAL, Paloma. Antes da Hora. E agora uma crônica do encontro com os manuscritos de A hora da estrela. In: LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela: edição com manuscritos e ensaios inéditos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

## Arquivos consultados:

Acervo Rubem Braga.

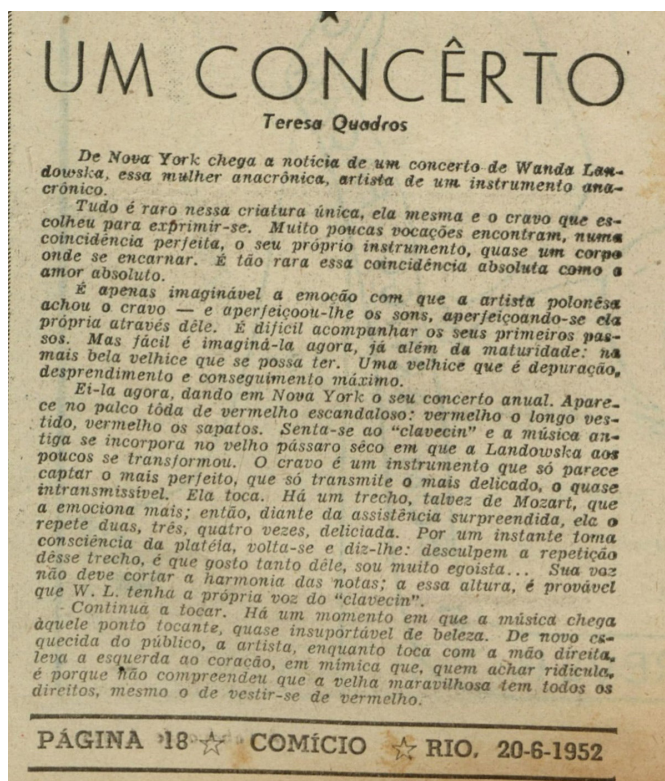
<http://www.docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=AcervoRubemBraga>

Fundação Biblioteca Nacional.

<http://memoria.bn.br/DocReader/116408/24708>

## ANEXO

Esse texto é parte integrante da página “Entre Mulheres”, publicada na edição 6, do Jornal Comício, de 20 de junho de 1952.



Fonte: Jornal Comício, Ano I, n. 6, p. 18, 20 jun. 1952. Disponível em <http://www.docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=AcervoRubemBraga>.

# MULHER EM (DIS)CURSO



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

# MULHER EM (DIS)CURSO



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020